



## **Importância do olhar sociocultural para promoção da extensão rural agroecológica na Amazônia**

*Importance of sociocultural approach to promote agroecological rural extension in the Amazon*

<sup>1</sup>CORREA, Leandro; <sup>2</sup>RATO, Márcio; <sup>3</sup>GUEDES, José; <sup>4</sup>COSTA, Malcon

<sup>1</sup>leandrorcorrea@gmail.com, UFRN ; <sup>2</sup>ratosp@gmail.com, UFRN ; <sup>3</sup>guedao.jose@gmail.com, Rede Maniva de Agroecologia ; <sup>4</sup>malconfloresta@gmail.com, UFRN

### **Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias**

**Resumo:** A Organização das Nações Unidas aponta a agricultura como patrimônio da humanidade e a Agroecologia como ferramenta viável para promoção e manutenção do direito à soberania alimentar. Julga-se importante do ponto de vista científico conhecer os agroecossistemas e seus atores sociais. Foram acompanhadas e descritas práticas de assistência técnica agrícola oferecidas à agricultores na região da Tríplice Fronteira Amazônica (Peru, Brasil e Colômbia) através do método observação-participante em atividades oferecidas pela *Fundacion Caminos de Identidad* (FUCAI) e pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). As intervenções presenciadas possuíam abordagem sociocultural e promoviam a autonomia comunitária. Sugere-se que modelos de assistência técnica com olhar sociocultural, sensíveis às realidades locais e focados na promoção da autonomia comunitária refletem positivamente não só nas comunidades onde são aplicadas como também em todo território amazônico.

**Palavras chave:** alto solimões; tecnologias locais; tríplice fronteira amazônica.

**Keywords:** west solimões, local technologies; amazonian triple frontier.

### **Introdução**

O modelo de assistência técnica historicamente instaurado pressupõe que o desenvolvimento das comunidades rurais depende do acesso à maquinário moderno, sementes transgênicas, fertilização química e agrotóxicos (ANDRADES e GANIMI, 2007). Em oposição a isso NODA e NODA (2013) defendem a ideia de que estão em melhores condições de vida aquelas populações detentoras de maiores níveis de autonomia com relação à obtenção de propágulos, fertilização das áreas agrícolas e escoamento da produção. As diferentes concepções de desenvolvimento rural resultam num choque ideológico entre os defensores da assistência técnica convencional e os defensores de uma assistência técnica com olhar sociocultural, focada nas realidades locais, na promoção da autonomia comunitária e norteada por princípios agroecológicos.

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) define a Agroecologia como a prática de administrar e potencializar os processos ecológicos próprios da natureza para melhorar a produtividade agrícola. Além de uma disciplina científica é também um movimento social (FAO, 2018). Extremamente crítica ao modelo de desenvolvimento da agricultura industrial, busca conectar os saberes



tradicionais e científicos de forma transdisciplinar a fim de se compreender a insustentabilidade deste modelo e de propor um novo paradigma de relação entre a espécie humana, os outros seres vivos, os recursos naturais terrestres e o desenvolvimento rural economicamente viável e socioambientalmente justo (PRIMAVESI, 1997; GLIESSMAN, 2009).

A FAO (2018) aponta a agricultura como patrimônio da humanidade e a Agroecologia como a ferramenta para uma transformação social, pautada na promoção e manutenção do direito humano à soberania alimentar. Julga-se importante a realização de diagnósticos socioculturais para acessar e estudar os agroecossistemas, incluindo seus atores sociais.

A Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) é compreendida como um conjunto de ações educativas que visam a melhoria da qualidade de vida dos habitantes do meio rural, possuindo papel preponderante na determinação dos valores nos quais as práticas agrícolas irão se basear (BRASIL, 2010). Entende-se que para que seja possível propor um novo paradigma com relação aos modelos de ATER, é necessário compreender não só as falhas técnicas e éticas como também sua enorme responsabilidade diante da atual degradação ambiental no Brasil (CAPORAL e COSTABEBER, 2007).

O bioma amazônico ainda é marcado por grandes áreas de ambientes naturais que têm suas características originais conservadas, além de possuir uma grande diversidade sociocultural. Devido a isso atividades de ATER devem ter como premissa básica de abordagem os aspectos socioculturais locais, levando-se em conta a constatação obtida por meio de trabalho na região de que as políticas públicas podem influenciar diretamente as estratégias de produção regionais, contribuindo para manutenção das paisagens e da diversidade local (LAQUES et al., 2013).

Dentro deste contexto o presente estudo buscou acompanhar e descrever modelos de ATER oferecidos à agricultores na região do Alto Solimões. Pesquisas de caráter sociocultural e realizadas na Amazônia podem resultar em grandes “insights” sobre abordagens mais adequadas para a prática da ATER agroecológica em comunidades rurais indígenas.

## **Metodologia**

A região do Alto Solimões é composta por floresta ombrófila densa com dossel emergente, havendo habitações e áreas agrícolas tanto nos ambientes de várzea quanto em terra firme (IBGE, 2012). Os períodos de cheia e seca do Rio Solimões influenciam a dinâmica de vida das populações, interferindo diretamente no transporte de mercadorias, pessoas e alimentos (PINHEIRO, 2016). A etnia indígena que possui maior representatividade no Brasil e, também, na região é o povo Ticuna. Presentes também na Colômbia e no Peru, sua população é estimada em aproximadamente 68 mil pessoas (ISA, 2018).



O trabalho abrangeu, além do Brasil, outros dois países. Os municípios brasileiros nos quais houve acompanhamento das atividades de ATER foram Benjamin Constant e Jutaí. No Peru as comunidades visitadas situavam-se em Caballo Cocha e na Colômbia foi feita uma visita à comunidade de San Francisco em Puerto Nariño. As comunidades situadas em Benjamin Constant foram Filadélfia, Guanabara 2 e Guanabara 3. Em Jutaí houve participação em atividades realizadas na comunidade Bugaio. Em Caballo Cocha as comunidades visitadas foram Santa Rita de Mochila, Palo Seco e Primavera.

O presente estudo acompanhou atividades de ATER promovidas por uma instituição de origem colombiana denominada *Fundacion Caminos de Identidad* (FUCAI) e pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que é a instituição indigenista oficial do Estado brasileiro. A FUCAI é uma ONG que atua no Brasil, Peru e Colômbia em projetos ligados à soberania alimentar. Sua equipe técnica é formada por profissionais de diferentes nacionalidades e de diversas áreas do conhecimento humano (FUCAI, 2017). A FUNAI tem como principais funções sociais a delimitação, demarcação e regulação fundiária dos povos indígenas brasileiros, atua focada no etnodesenvolvimento sustentável das comunidades e na mitigação de impactos negativos advindos de áreas externas às terras indígenas (FUNAI, 2018).

A ferramenta metodológica selecionada foi a observação participante, possível devido à participação do pesquisador em atividades de ATER propostas pela FUCAI e FUNAI. Esta forma de coleta é uma abordagem eficaz para compreensão e análise de realidades sociais distintas das quais vivencia o pesquisador em seu dia a dia, pressupõe, além da observação, a participação do pesquisador em atividades cotidianas do grupo social estudado (GODOY, 1995).

## **Resultados e discussão**

As atividades acompanhadas nas comunidades rurais indígenas do Alto Solimões foram: **Roça sem Queima** e **Cozinha Nativa**. A primeira propõe aos comunitários um manejo agroecológico das áreas agrícolas incentivando a obtenção de propágulos e fertilização das áreas com elementos disponíveis localmente, valorizando os mutirões e dissociando a ideia da necessidade de grandes investimentos financeiros para o alcance do sucesso produtivo. Ela é caracterizada como de alcance grupal, havendo a possibilidade de refletir positivamente em pessoas que não participaram por meio da disseminação de informações entre os comunitários. Essa prática de ATER aconteceu por meio de mutirões de campo, capacitações demonstrativas e visitas às unidades amostrais exitosas promovendo o intercâmbio de saberes entre os comunitários (RAMOS; SILVA; BARROS, 2013).

Diante da demarcação de Terras Indígenas, a cultura da coivara (queimada da área) pode ser vista como uma prática de manejo inviável pelo fato de que as roças pertencentes a cada família são claramente delimitadas, havendo uma dificuldade de migração para que seja dado o tempo necessário para o ambiente se recuperar da queima. Levando-se em conta que o bom desenvolvimento dos cultivos têm relação



direta com a riqueza e abundância da microbiota do solo e que o fogo possui alto potencial destrutivo desta microbiota a prática da coivara acaba resultando num prejuízo aos agricultores, pois além dos aspectos territoriais esta prática acarreta perda dos nutrientes presentes nas cinzas uma vez que estas lixiviam facilmente ou são dispersas pelo vento (PRIMAVESI, 1997). Trocando-se as práticas de queima pela deposição do material que seria incinerado no solo é possível prever uma melhora da eficiência agrícola devido ao fato de haverem menores perdas pelo vento e também pelo fato de os diferentes tipos de materiais possuírem diferentes tempos de decomposição o que irá resultar numa disposição gradativa dos nutrientes que compõem cada um desses materiais. (STEENBOCK; VEZZANI, 2013).

A atividade de **Cozinha Nativa** reúne e expõe a infinidade de alimentos encontrados localmente, seus potenciais nutricionais e medicinais propondo receitas com aqueles ingredientes. Possui estrutura complexa e pode ser caracterizada como um momento de intercâmbio de saberes entre os comunitários e os proponentes. Consiste numa demonstração prática envolvendo capacitação participativa à medida em que propõe aos comunitários a utilização de recursos alimentícios locais para a execução de novas e antigas receitas (RAMOS; SILVA; BARROS, 2013).

Esta atividade se conecta com a temática das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) que é proposta por Valdely Kinnup. Utilizando-se do aporte teórico do livro 'Plantas Alimentícias Não Convencionais no Brasil' (KINUPP e LORENZI, 2014) são feitas sugestões de novas formas de consumo dos alimentos regionais ou resgate de receitas esquecidas. As proposições levadas por meio deste tipo de intervenção conseguem grande sensibilização e aceitação, principalmente por trazerem à tona assuntos como a noção de escassez e abundância local, economia com alimentação, resgate de hábitos antigos e por estarem baseadas na utilização de recursos ao alcance dos comunitários, muitas vezes subestimados por eles.

A seleção do alimento é um processo mais complexo do que a simples reunião dos recursos alimentícios presentes no meio. Possui fatores biológicos e culturais (BLEIL, 1998). Modelos de ATER dialógicos e com olhar sociocultural coincidem com valores defendidos por NODA et al. (2007) que enfatiza a grande importância de a ATER na Amazônia esteja com suas ações focadas na melhoria dos níveis de organização familiar. Sendo assim as conquistas alcançadas tendem a refletir de maneira positiva na sustentabilidade dos sistemas produtivos, na manutenção da soberania alimentar e na promoção da autonomia comunitária.

## **Conclusões**

Diante das observações é possível sugerir que modelos de assistência técnica sensíveis às realidades locais e que levam em consideração os aspectos socioculturais de cada comunidade conseguem impactar positivamente os locais onde são aplicados. Tais características influenciam na confiabilidade dos indígenas com relação às temáticas propostas principalmente devido ao fato de as propostas estarem baseadas na utilização de tecnologias e recursos locais. Incluir atividades com



enfoque sociocultural atenuam os choques culturais muito comuns nas práticas de extensão no Brasil. A partir das experiências vivenciadas sugere-se que as práticas de extensão rural carreguem consigo aspectos socioculturais associados à conservação ambiental, incentivando práticas agroecológicas de manejo com a Terra e valorizando os alimentos produzidos localmente focando na promoção da autonomia comunitária.

### Referências bibliográficas

ANDRADES, T. O. DE; GANIMI, R. N. Revolução verde e a apropriação Capitalista, **CES Revista**, Juiz de Fora, v.21, p. 43-p.56, 2007.

BLEIL, S. I. O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. **Revista Cadernos de Debate** (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP), Campinas, v. 6, s/n, 1998, p. 1-25.

BRASIL. **Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010**. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária - PNATER e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária - PRONATER, altera a Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 11 jan. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12188.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12188.htm)>. Acesso em: 22 mai. 2018.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. 3ª. ed. Brasília: MDA/SAF/DATER, 2007. v. 5000. 166 p.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). **Las soluciones están en los vínculos: 10 elementos de la agroecología que pueden guiarnos hacia sistemas alimentarios sostenibles**, 2018. Disponível em: <<http://www.fao.org/fao-stories/article/es/c/1112568/>>. Acesso em: 22 de mai. 2018.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio -. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 3 jul. 2018

FUNDACIÓN CAMINOS DE IDENTIDAD - FUCAI. **Comunidades indígenas de abundância**. Bogotá (Colômbia): Ed. Kimpres S.A.S., 2017, 296 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2009. 654 p.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995, p. 20-29.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Manual Técnico Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



**da Vegetação Brasileira.** Série Manuais Técnicos em Geociências 1, 2ª edição revista e ampliada. IBGE, Rio de Janeiro, 2012, 275 p.

ISA, Instituto Socioambiental -. **Povos Indígenas no Brasil: Ticuna.** Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil.** Instituto Plantarum de Estudos da Flora LTDA, São Paulo. 2014

LAQUES, A. E. et al. As políticas públicas e os efeitos sobre as estratégias de gestão de recursos: o caso do Alto Solimões, Amazonas, Brasil. In: Noda, H.; Noda, S. N.; Laques, A. E. (Org.). **Dinâmicas socioambientais na agricultura familiar na Amazônia.** Manaus (AM): Ed. Wega, 2013. p. 8-32.

NODA, S. N.; MARTINS, A. L. U.; NODA, H.; PAIVA, M. S. S.; MARTINS, L. H. P. Uma experiência metodológica para o estudo da agricultura familiar na várzea do Solimões-Amazonas. In: Sandra do Nascimento Noda. (Org.). **Agricultura Familiar na Amazônia das Águas.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007, v., p. 11-22.

PINHEIRO, H. P. **Vulnerabilidade e segurança hidroclimatológica no Alto Solimões: o caso das Vilas de Belém do Solimões e Campo Alegre / Amazonas. 2016.** 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

PRIMAVESI, Ana. **Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agricultura.** São Paulo: Nobel, 1997. 199 p.

RAMOS, Giuberto de Lima; SILVA, Ana Paula Gomes da; BARROS, Antônio Alves da Fonseca. **Manual de Metodologia de Extensão Rural.** Recife, Pe: Ipa, 2013. 76 p.  
STEENBOCK, Walter; VEZZANI, Fabiane Machado. **Agrofloresta: aprendendo a produzir com a natureza.** Curitiba: editora UFPR, 2013. 149 p.